

A SIMBOLOGIA EM ATAQUE DOS CÃES, DE JANE CAMPION

MARIANA DE OLIVEIRA REGO FARIAS¹; IVONETE MEDIANEIRA PINTO²

¹UFPEL – marifarias1996@gmail.com

²UFPEL – ivonetepinto02@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O longa-metragem *Ataque dos Cães* (2021), dirigido por Jane Campion, destaca-se pelo uso expressivo de imagens com elevada densidade simbólica e pela representação complexa dos personagens, especialmente no que se refere às suas performances de gênero. Em uma trama que não nos revela tudo por meio de diálogos expositivos, elementos como as flores, o couro e a paisagem são essenciais para a construção de sentidos da narrativa, adquirindo significados que transcendem sua dimensão literal e, dessa forma, permitem múltiplas interpretações por parte do espectador.

Diante dessa riqueza simbólica e de sua estreita relação com as performances de gênero dos personagens, esta pesquisa tem como objetivo analisar as imagens utilizadas no filme para expressar dualidades de sentido. A partir da perspectiva da análise semiótica, conforme estudos de Joly (2009), busca-se examinar o sentido dos símbolos visuais presentes no longa, articulando interpretações individuais e contribuições de outros pesquisadores que abordaram o *western* em questão. Posteriormente, o estudo se propõe a investigar de que forma — e em que medida — essas alegorias foram reconhecidas e discutidas pela crítica cinematográfica.

1.1. OBJETIVOS

O presente trabalho objetiva analisar a utilização de imagens com dualidade de sentidos em *Ataque dos Cães* e traçar relações entre a performance de gênero dos personagens e os símbolos estudados. Dentre os objetivos específicos, destacamos os seguintes: 1) identificar quais elementos imagéticos do filme se enquadram na proposta da presente pesquisa para futura análise; 2) traçar semelhanças e/ou diferenças entre o modo de trabalho simbólico da diretora, Jane Campion, na citada obra e em *O Piano* (1993), além de investigar as abordagens de gênero de cada filme; 3) mapear diferentes críticas publicadas sobre o filme e selecionar 6 (seis) para uma análise mais detalhada, entendendo quais temas foram mais destacados pelos autores, se o simbolismo presente no filme foi objeto de comentários ou não, e se o perfil dos autores, bem como os meios de circulação dos textos, parecem ter tido ou não influência nessas observações.

1.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entendendo que a identificação dos símbolos presentes no longa exige um trabalho de análise de imagem, cabe aqui uma breve explanação dos conceitos de imagem e de análise a serem utilizados no trabalho.

A partir da síntese de estudos da imagem presente em JOLY (2009), é possível compreendê-la como uma representação de algo além dela própria e, conseqüentemente, como uma metáfora. Nesse sentido, sua compreensão está vinculada a uma interpretação por parte de um receptor, ou, no caso do cinema, de

um espectador. Conforme JOLY (2009) “O trabalho do analista é precisamente decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica” (p. 43). Ou seja, para o analista, é preciso ir além da identificação dos objetivos mais superficiais de uso das imagens e observar a multiplicidade de sentidos que podem trazer dentro do contexto do produto em que se inserem - aqui, no filme *Ataque dos Cães*.

Por meio de reflexões sobre os símbolos encontrados em contraste com interpretações trazidas por críticos de cinema sobre *Ataque dos Cães*, a pesquisa visa estabelecer caminhos para uma investigação sobre a possível influência do perfil do receptor, especialmente de seu gênero, sobre a recepção de uma obra cinematográfica. Nesse sentido, cabe-nos trazer um breve resumo de alguns estudos feministas pertinentes à pesquisa.

Conforme artigo publicado por IBITI (2017), desde os anos 1960, com o surgimento da teoria fílmica feminista, diversas pensadoras passaram a denunciar as formas pelas quais o cinema reproduz papéis de gênero hierárquicos, reduzindo personagens femininas à passividade, à objetificação e à polarização entre figuras idealizadas ou condenadas. Segundo MULVEY (1975), o cinema sempre colocou o desejo do homem no centro de suas produções, mexendo com sua libido, por meio da observação da mulher colocada como um objeto para sua apreciação, e com o seu ego, por meio da identificação com os heróis, frequentemente, os protagonistas do filme. Ao lidar com uma narrativa que desafia essa lógica de representação masculina e feminina, é natural que os personagens e os símbolos utilizados para contribuir em sua construção sejam recebidos de forma diferente por homens e mulheres.

A respeito do caráter simbólico da imagem a ser analisado no presente trabalho, considera-se tudo o que é apreendido por convenção, por um saber social que depende da interpretação do receptor. Neste projeto, o enfoque será dado aos símbolos que exprimem não apenas multiplicidade de sentidos, mas também significações antitéticas, contribuindo para a igualmente complexa construção dos personagens do longa.

Por fim, no que tange à análise da relação entre os símbolos presentes na narrativa e as performances de gênero exploradas em *Ataque dos Cães*, fundamentamo-nos nas contribuições teóricas de BUTLER (2018) e de ECKERT e MCCONNELL-GINET (2003). Butler, a partir dos anos 1990, consolida a noção de gênero como performance, apontando que os papéis atribuídos a homens e mulheres são produtos de normas culturais reiteradas, e não expressões de uma essência biológica. Em seu livro *Language and Gender* (2003), Eckert e McConnell-Ginet reforçam a noção de que é a sociedade que tenta vincular comportamentos, formas de falar e de se vestir a traços biológicos. De fato, as autoras entendem o conceito de gênero como algo performado e validado pelas interações sociais e não como algo intrínseco ao indivíduo.

Com base nessa concepção de gênero como algo performativo e não essencialista, examinamos de que modo as performances de gênero encenadas pelos personagens Phil e Peter revelam não apenas identidades contrastantes, mas também reforçam a oposição simbólica que estrutura a tensão dramática do filme.

2. METODOLOGIA

Utilizando como base os estudos de análise semiótica de Joly (2009), objetiva-se fazer uma leitura minuciosa dos símbolos presentes no filme, incluindo

percepções individuais e também aquelas compartilhadas por outros pesquisadores que se debruçaram sobre o *western* em questão.

Além disso, o estudo pretende investigar como e/ou se estas alegorias foram destacadas pela crítica. Para tanto, foram selecionadas 6 (seis) críticas para uma análise mais detalhada, utilizando os seguintes critérios: 1) diversidade de gênero e 2) nível de circulação intermediária.

Entendendo que as particularidades das experiências de gênero do sujeito afetam o seu ponto de vista sobre quaisquer obras analisadas, o primeiro critério visa garantir que o estudo dê conta de considerar essas possíveis divergências a partir da inclusão de autores de diferentes gêneros. Para além disso, cabe-nos dar destaque à crítica feminista, cuja trajetória no cinema se entrelaça com a emergência de teorias que questionam a representação das mulheres na cultura visual e na sociedade em geral (IBITI, 2017).

A fim de examinar textos de ampla circulação, como previsto no critério 2, críticas publicadas nos portais de notícias G1 e UOL estão entre as escolhidas para análise. Também foram selecionados textos publicados em sites ou blogs de cinema, que tendem a possuir maior liberdade criativa, tanto temática quanto de estilo, e que, por tal motivo, interessam à presente pesquisa, já que objetiva-se investigar diversos pontos de vista sobre a obra em questão, considerando as diferenças de parâmetros exigidos por cada meio de circulação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho encontra-se em fase de desenvolvimento. Nesse sentido, traçamos hipóteses com base em análises preliminares do filme e das críticas selecionadas. A seguir, mencionamos alguns dos símbolos presentes no filme, bem como um esboço da interpretação de suas dualidades de sentido:

As flores: No início do filme, são confeccionadas por Peter e, mais tarde, são plantadas por Rose no jardim dos Burbank. Ao passo que podem ser consideradas meros objetos de decoração, elas também simbolizam as flores dadas aos mortos, como também vemos logo nos primeiros minutos do filme, quando Peter as deposita sobre o túmulo de seu falecido pai.

A sela de Bronco Henry: Reverenciada por Phil, pode ser lida como um símbolo da masculinidade e valentia de um vaqueiro, mas também como uma lembrança do vínculo sexual e homoafetivo entre os dois.

O coelho: O mamífero capturado por Peter é inicialmente identificado como um animal de estimação, mas logo descobrimos que a real intenção de Peter é sacrificá-lo para dissecá-lo e utilizá-lo como material de estudo, pois deseja se tornar um cirurgião.

O couro: Por um lado, representa o trabalho minucioso de Phil e é por ele utilizado para trançar cordas de vaqueiro, por outro, se torna o veículo de contaminação dele por antraz e consequentemente sua causa mortis.

O cão: A figura pode ser associada à montanha por possuir esse formato, mas também ao diabo e, em consequência, a Phil, ou ainda a Peter. O filme apresenta, em seus últimos minutos, a seguinte passagem bíblica lida por Peter: “Livra a minha alma da espada, a minha vida do poder do cão” (Salmos 22:20).

Em todas essas dualidades, é possível observar a externalização dos sentimentos dos personagens. É por meio desses símbolos que Campion, que também roteiriza o longa, opta por revelar as nuances dos personagens que pouco precisam falar para nos fazer entender suas intenções, suas dores e suas paixões.

Considerando o problema de pesquisa, busca-se testar a hipótese de que os símbolos presentes em *Ataque dos Cães* tenham sido identificados ou não e interpretados de uma forma ou de outra sob influência do perfil do receptor, sobretudo de seu gênero, e dos parâmetros exigidos pelos meios de circulação dos textos publicados. Cabe investigar de que forma as imagens foram percebidas por críticos e críticas e entender se seu caráter simbólico na obra cinematográfica analisada foi valorizado ou desconsiderado, buscando similaridades e divergências.

4. CONCLUSÕES

O longa-metragem *Ataque dos Cães* (2021), por meio de notável densidade simbólica, permite que significados múltiplos, que ultrapassam a literalidade da imagem, sejam criados pelo espectador, tornando-se, assim, objeto fértil para o estudo imagético. A inspeção dessas imagens com dualidades semânticas possibilita refletir sobre como o cinema pode se utilizar da linguagem não-verbal de forma criativa e alegórica, sendo capaz de tensionar normas de gênero e expor conflitos internos dos personagens sem necessariamente se apoiar em diálogos.

Ademais, a análise do olhar da própria crítica sobre essas imagens e alegorias permite identificar as temáticas que mais interessaram aos autores, mapear possíveis divergências interpretativas entre eles e perceber em que medida os símbolos foram reconhecidos, ignorados ou interpretados a partir de determinadas perspectivas, conforme os meios de circulação dos textos e perfil dos autores, por exemplo. Isso amplia o alcance da pesquisa ao inserir o filme também no campo da recepção e da construção de sentidos por diferentes públicos.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para os estudos de cinema e de teoria da imagem, promovendo uma análise da estética simbólica do filme e seu diálogo com questões contemporâneas ligadas à representação e performance de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

ECKERT, P; MCCONNELL-GINET, S. **Language and Gender**. New York: Cambridge University Press, 2003.

IBITI, A. **Judith Butler, as mulheres do cinema e porque não podemos ficar caladas**. Delirium Nerd, 04/12/2017, [s. l.]. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2017/12/04/cinema-judith-butler/>. Acesso em: 22/07/2025.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 13ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

MULVEY, L. Prazer Visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org). **A Experiência do Cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983. p. 437-453.